

RESENHA

Kipnis, A. (2021). *The Funeral of Mr. Wang: Life, Death, and Ghosts in Urbanizing China*. California: University of California Press. 174 pp.

LUCÍA COPELOTTI

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3992-4804>
luciacopelotti@gmail.com

The Funeral of Mr. Wang: Life, Death and Ghosts in urbanizing China, escrito por Andrew B. Kipnis, professor de Antropologia da Chinese University of Hong Kong (CUHK), discute as transformações sociais na China contemporânea a partir dos impactos gerados pelo processo de urbanização em rituais funerários e práticas de memorialização. A obra é fruto de uma pesquisa etnográfica de fôlego desenvolvida em dois períodos: o primeiro entre os anos de 2013 e 2017, no qual foi realizada parte substancial da investigação, e o segundo entre os anos de 2018 e 2019, totalizando cerca de oito meses de trabalho de campo. Ao longo da pesquisa, Kipnis fez entrevistas formais com 55 profissionais de diferentes ramos do setor funerário, coletou relatos acerca da organização dos ritos mortuários de familiares e visitou inúmeros cemitérios, além de ter realizado incursões no âmbito digital, pesquisando os *sites* de várias empresas dedicadas aos serviços funerários e participando de listas de distribuição de boletins informativos sobre o setor.

Essa multiplicidade de universos empíricos adensa os dados etnográficos e explicita a originalidade de uma obra que toma como objeto de reflexão antropológica uma dimensão pouco explorada nos estudos sobre morte, relativa às negociações e às disputas espaciais, econômicas, políticas e culturais implicadas na regulação de práticas mortuárias e na gestão dos mortos. Através de uma espécie de jogo de espelhos entre o meio rural e o urbano, as empresas privadas e estatais de serviços funerários, governos locais e o Partido Comunista (também nomeado ao longo da obra pelos termos “governo central” ou “governo-partido”), parentes e fantasmas, religião e secularismo, Kipnis ilumina a trama que implica vivos e mortos em um processo histórico de mudanças crescentes na conformação socioespacial das cidades chinesas.

Desse modo, explorando a dinâmica de aproximações e distanciamentos entre conjuntos de pares, o autor analisa as mudanças na vida familiar e nos padrões de sociabilidade urbana, as transformações nas relações econômicas, as políticas funerárias e de memorialização e as reverberações dessas

múltiplas transformações nas crenças sobre alma, espíritos e fantasmas. Como fica evidente pela leitura da obra, estes tópicos distintos referem fenômenos recombináveis e mutuamente implicados, discutidos ao longo dos oito capítulos que estruturam o trabalho.

O capítulo introdutório apresenta um relato etnográfico rico e detalhado sobre o funeral do Sr. Wang, personagem que dá título à obra, e é elucidativo dos rituais, crenças e burocracias características de um funeral típico dos grandes centros urbanos chineses. O relato funciona como uma espécie de amálgama entre os diferentes capítulos, na medida em que condensa os temas debatidos no decorrer do livro e é retomado diversas vezes pelo autor para ilustrar a discussão. A descrição é também um prelúdio para a apresentação dos aspectos formais da investigação realizada no capítulo seguinte, “Of Transitions and Transformations”, no qual o autor aborda os princípios metodológicos que orientaram a pesquisa, oferece um panorama de cada capítulo e expõe o argumento central do livro: na medida em que as transformações nos rituais funerários e nas práticas de memorialização são, em parte, produto do rápido crescimento urbano ocorrido na China nos últimos trinta anos, as mudanças nos rituais mortuários seriam uma lente potente para compreender diferentes dimensões do processo de urbanização.

O terceiro capítulo, “Of Space and Place: Separation and Distinction in the Homes of the Dead”, trata dos processos de reorganização do espaço urbano a partir do ocultamento e separação dos mortos e da morte do mundo dos vivos. Na gestão dos mortos, como sugere Kipnis, um dos efeitos da expansão das cidades chinesas foi a realocação de cemitérios, casas funerárias e crematórios para regiões afastadas das áreas centrais e de grande fluxo de pessoas, motivada, sobretudo, pela especulação imobiliária. Estas ações de reordenamento territorial, além de interesses econômicos, desvelam projetos de sociedade específicos, uma vez que os cemitérios são também espaços de distinção social. Nesse sentido, pela comparação da organização espacial e dos tipos de práticas de memorialização que são desenvolvidas nos cemitérios ligados à elite social – dedicados a mártires e heróis designados pelo Partido – e de classes populares, o autor nos mostra como as diferenças entre ambos espelham as distinções de classe, origem social e prestígio que atravessam a sociedade chinesa tanto na vida como na morte.

No quarto capítulo, “Of Strangers and Kin: Moral Family and Ghastly Strangers in Urban Sociality”, as categorias “parentes” e “estranhos” são analisadas a partir dos atravessamentos com a crença em fantasmas. A tendência geral de realização de funerais menores em áreas urbanas, restritos à família nuclear e à família estendida, reflete o declínio de formas comunitárias de convívio, ao mesmo tempo que aponta para a importância crescente que pessoas desconhecidas e fora do círculo familiar adquirem na reprodução da vida, inclusive na condução dos rituais funerários. Estes fatores, como sugere o autor, são centrais na produção da dinâmica de oposição que se estabelece entre as categorias “parentes” e “estranhos”. Ainda nesse contexto de transformações sociais, que se mostra cada vez mais individualizado e repleto de desconhecidos, a associação imaginativa de fantasmas a estranhos é uma das características dos modos de sociabilidade resultantes da expansão das cidades e reafirma a família como núcleo moral. Pois ao contrário da crença corrente no meio rural de que fantasmas são parentes falecidos que não receberam os rituais mortuários adequados e, conseqüentemente, não se tornaram ancestrais, nas histórias sobre fantasmas no espaço urbano, independente das motivações, as assombrações são sempre espíritos de “estranhos”.

Em continuidade a essas reflexões, o capítulo quinto, “Of Gifts and Commodities: Spending on the Dead While Providing for the Living”, tematiza a reprodução das relações de sociabilidade e parentesco a partir das interações monetárias nos funerais e das lógicas morais e econômicas que orientam tais transações. O ato de presentear a família do falecido com dinheiro recria as relações de parentesco entre familiares que realizam a doação e aqueles que recebem, evidenciando um conjunto particular de expectativas morais a partir dessa troca monetária. Entretanto, como salienta o autor, as modalidades de trocas de dinheiro envolvem também diferentes moralidades e formas de definir as relações sociais entre pessoas envolvidas nessas trocas. Nesse sentido, a expansão progressiva da indústria funerária e a inclusão de outros atores nesse universo, como agentes fúnebres, administradores cemiteriais e funcionários do governo, complexifica o cenário das transações econômicas envolvidas nos rituais de morte. Se por um lado as transações que se desenvolvem entre famílias que contratam serviços funerários e os profissionais que oferecem esses serviços são marcadas pela efemeridade, devido aos estigmas que o trabalho com a morte carrega, por outro lado, o estabelecimento de relações de reciprocidade entre o Partido e as empresas do ramo funerário, em termos de favorecimento e lealdade ao governo, incidem nos contornos que assume a governança da morte na China atual.

O sexto capítulo, “Of Rules and Regulations: Governing Mourning”, analisa as regras, leis e costumes que regem os procedimentos funerários. Para tanto, o autor direciona sua atenção para dois aspectos fundamentais da política funerária chinesa em contextos urbanos: a produção de normativas sobre o uso de terras para sepultamentos e a restrição de crenças e práticas consideradas como “supersticiosas”. As descrições detalhadas sobre as formas que assumem os mecanismos de regulação em diferentes regiões procuram dar conta das contradições, complexidades e múltiplas negociações implicadas no cotidiano dos rituais funerários e da memorialização. Isto porque, embora o governo central seja o redator do documento que orienta tais atividades, é responsabilidade dos governos provinciais o desenho de normativas concretas para áreas específicas, bem como sua respectiva implementação e aplicação. Na prática, o que se observa são apropriações e interpretações contextuais dessas diretrizes, principalmente do que se classifica em cada caso como superstição, tanto pelos interesses econômicos em torno à venda de terras e oferta de serviços para fins mortuários, como pela concertação necessária entre práticas tradicionais e aquelas impulsionadas pelo governo-partido a partir do seu projeto secularizador.

Similar ao que ocorre com a ideia de “superstição”, as significações e os usos da noção de alma, no contexto das práticas de memorialização e de devoção aos ancestrais, explicitam as ambiguidades em torno às orientações oficiais sobre a temática, ao mesmo tempo que evidenciam os limites do projeto de secularização difundido pelo Partido Comunista Chinês. Conforme argumenta Kipnis no sétimo capítulo, “Of Souls and Spirits: Secularization and its Limits”, as interpretações acerca da noção de alma parecem constituir-se no imbricamento e mistura de crenças religiosas, “supersticiosas” e seculares. Nesse sentido, ao mesmo tempo que o governo-partido procura se afirmar como uma organização materialista, científica e secular, lança mão de formas religiosas, como a sacralização de figuras políticas e a promoção de uma retórica sobre a “alma do Partido”, como estratégia de reafirmação de lealdade ao regime. Assim, o esforço por difundir certa concepção de alma e regular as práticas de memorialização

é uma tentativa de estruturar narrativas históricas particulares e, ao mesmo tempo, genéricas, de modo que possam ser reescritas e manipuladas em contextos políticos menos favoráveis.

Todavia, há domínios que escapam aos âmbitos de agência do estado sobre a vida dos cidadãos. No capítulo final, “Of Dreams and Memories: a Ghost Story From a Land Where Haunting Is Banned”, a discussão acerca das formas de imaginar fantasmas na sociedade chinesa introduz o debate sobre os mecanismos estatais de controle e censura no atual regime de governo. Os fantasmas, enquanto assombrações, são tanto materializações de espíritos de pessoas falecidas que se manifestam para perturbar o mundo dos vivos, como uma metáfora sobre aquilo que é indesejado e reprimido; sobre o que não se quer ou não se deve falar; sobre o que deve permanecer oculto na memória e ser esquecido. Através da análise de um romance sobre fantasmas urbanos, Kipnis argumenta sobre a existência de uma relação entre a repressão praticada pelo estado e o modo como fantasmas são retratados no imaginário social e nas histórias ficcionais produzidas sobre eles. Desse modo, sugere que a realidade exposta no romance é uma representação de circunstâncias e sucessos que o governo procura censurar, negando a ocorrência de certos fatos. Sob essa lógica, os fantasmas e assombrações são produto da repressão política a certas condutas sexuais (sobretudo femininas), aos processos de reconstrução urbana, à memória de como certas pessoas morreram (massacres, acidentes trágicos, suicídio), de posturas políticas dissidentes, de emoções e de tudo o que não deve ser discutido e reconhecido publicamente.

Apesar da criatividade na abordagem do debate sobre mecanismos de censura, as explicações oferecidas por Kipnis nesta seção parecem ficar sobretudo no plano especulativo, sem um desenvolvimento mais aprofundado e uma correspondência clara a dados empíricos concretos que permitam ilustrar de forma manifesta o argumento sobre a relação entre a repressão política e o estatuto de existência dos fantasmas.

Isto, entretanto, não diminui de forma alguma o valor da obra, cuja temática é tão original como atual. A despeito da tendência generalizada ao ocultamento da morte e do morrer no nosso imaginário social, *The Funeral of Mr. Wang* revela a diversidade de discursos, ideias, sentimentos, valores e práticas que permeiam o diálogo profícuo entre o mundo dos vivos e dos mortos a partir de um retrato vívido sobre universos muitas vezes distantes. O livro oferece, assim, contribuições significativas não apenas aos campos de pesquisa específicos com os quais dialoga, como aos estudos sobre a China e, mais particularmente, sobre a morte nas sociedades contemporâneas. Apresenta também aportes valiosos em debates caros a diferentes áreas da Antropologia a partir de discussões transversais sobre urbanização e mudança social; família e construção de parentesco; mecanismos de regulação da religião e sua presença no espaço público; governabilidade e controle social.

Lucia Copelotti é doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

FINANCIAMENTO

*Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
(Processo nº 2020/02422-3).*

RECEBIDO: 01/05/2022

APROVADO: 24/08/2022

PUBLICADO: 01/07/2024



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC